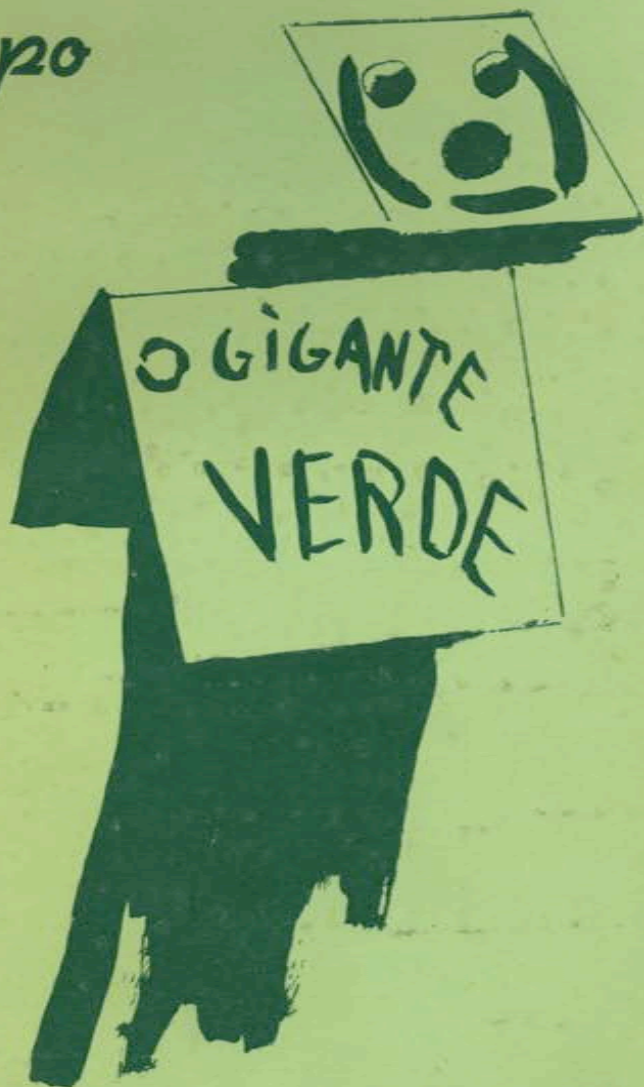


manuel grangeio

crespo



MANUEL GRANGEIO CRESPO

U1K0701127



# O GIGANTE VERDE



EDIÇÕES ÁTICA  
LISBOA

*Primeiro aviso: a realização de O GIGANTE VERDE só tem que ser julgada em função da sua eficiência. Eficiência mágica, claro. Quer dizer: a acção de O GIGANTE VERDE tem de acontecer no corpo de cada espectador e no de cada actor. Mas atenção: esta acção não pode ser imposta ao público senão por actores em cujo corpo ela JÁ TENHA ACONTECIDO.*

*Traduzamos em termos de teatro tradicional (concessão didáctica). Actores que não amem O GIGANTE VERDE não podem representá-lo.*

*(O GIGANTE VERDE deveria ser representado exclusivamente por amadores. Ou então por actores profissionais que estivessem prontos a renunciar ao seu profissionalismo, a abandonar os seus vícios de imitadores, a colocar-se perante a representação na atitude de amadores.)*

*A liturgia não consiste apenas no texto, mas também na encenação que ele pressupõe. O autor previne que é, precisamente, da encenação (assim como da atitude dos actores) que depende a eficiência da representação.*



*Sobretudo as luzes. A luz é, como verão, o único veículo possível para a cor visto que os cenários e os figurinos são, do ponto de vista cromático, quase inutilizáveis.*

*Os cenários: diferentes combinações dos mesmos elementos. O banco, a mesa e a Caixa. Ah, é verdade, e há também uma prancha de madeira. Mas o mais importante é a Caixa. O autor abstém-se de quaisquer indicações a seu respeito, para que seja maior a liberdade do encenador.*

*O uniforme dos actores: calças pretas, muito justas, para os cinco homens. Peito nu. Saia branca, curta (por cima do joelho) e rodada, e camisola interior de homem, sem mangas, preta, para as duas mulheres. Todos estarão, evidentemente, descalços.*

*Ia-me esquecendo de outro aviso importantíssimo. O GIGANTE VERDE é uma liturgia mágica. A representação deve ser, para os actores, uma celebração e um exorcismo, quer dizer, duma intensidade ritual. Do princípio ao fim, a mesma intensidade, a mesma profunda seriedade, mesmo naquelas sequências em que o efeito de farsa prevalece.*

*Apenas um exemplo (mas um exemplo que é toda a sùmula dum critério) da atitude indispensável à realização eficiente de O GIGANTE VERDE. O encenador que escolha a Actriz da sexta sequência em função da sua beleza não é digno de encenar O GIGANTE VERDE. A actriz, escolhida para a Actriz da sexta sequência, que se recuse a executar o strip-tease que lhe compete, movida pela fealdade do seu corpo, não é, por sua vez, digna de representar O GIGANTE VERDE. O autor prefere que o GIGANTE*

VERDE não seja nunca representado a vê-lo representado sem amor, que é, já vimos, como quem diz sem eficiência.

Mais um aviso, este quase desnecessário (espero). O Primeiro Actor da primeira sequência não é necessariamente o Primeiro Actor da segunda, etc. A distribuição depende exclusivamente das conveniências da encenação. Há, evidentemente, certas restrições, apenas uma ou duas. Por exemplo, o Primeiro Actor da primeira sequência nunca deverá ser o Segundo Actor da segunda. Cada palavra dum actor é imediatamente assumida por todos os outros, cada experiência dum actor pertence imediatamente ao passado de cada um dos outros.

Repararão que o autor foi quase sempre rigoroso ao indicar a constante marcação dos actores. Essa marcação pode, naturalmente, ser alterada sempre que o encenador o entender. No entanto, mesmo alterada, o efeito deve ser correspondente.  $2+2=3+1$ , diz o povo que é, no fundo, quem mais sabe de magia.

(O ambiente da segunda e da terceira sequências não se parece em nada com o das outras. A linguagem não é a mesma, a acção situa-se num registro diferente. Encontra-se nelas um tom um pouco cartesiano e uma linha de acção directa (ia dizer retórica) que parecerão insólitos ao lado das outras sequências. Além disso, a qualidade, digamos, poética dessas duas sequências deixa muito a desejar. O autor fez de propósito. É o momento da náusea. Nelas, o exorcismo reside na imitação crítica. A seguir ao desafio à natureza, o tom cresce progressivamente à medida que

*o homem desce cada vez mais fundo na sua solidão, mas a primeira nota tinha de ser de nojo, a imitação mágica é sempre o primeiro passo fora da escravidão. Por outro lado, O GIGANTE VERDE é uma liturgia que será representada numa sociedade que não podia ser-lhe mais hostil. Por isso, seria incompletamente eficaz se não reservasse um lugar para a náusea, quer dizer, para a provocação. De resto, para que essa imitação possa desempenhar melhor a sua função de exorcismo, o texto da terceira sequência não deve considerar-se definitivo, mas sim como um simples programa dentro do qual cada actor improvisará a sua acção. Além disso, a linha de acção destas sequências é demasiado directa, simplista, infantil mesmo. Também isso foi intencional. Nem vale a pena dizer porquê. Tanto pior se a razão não é evidente para alguns.)*

*(Ainda um aviso, perfeitamente secundário de resto, e que só justificam as circunstância históricas provisórias. O autor aconselha o encenador a escolher, se possível, actores de raças e cores diferentes. Quanto menos os corpos dos actores se assemelharem, mais eficaz será a distribuição.)*

*A última indicação do autor. Uma ordem para o encenador e os actores, um aviso para os espectadores.*

**NINGUÉM VERÁ O GIGANTE VERDE EM VÃO.**



*A cena está aberta mas às escuras. Durante o comentário do altifalante, rajadas de luz percorrem sem regularidade a cena, revelando instantaneamente o que lá está.*

#### A VOZ DO ALTIFALANTE

A dificuldade, quando se fala do universo, ou de qualquer dos seus órgãos, o homem por exemplo, é começar pelo princípio. Claro que, no caso do homem, a dificuldade se torna ainda maior, porque, sendo infelizmente o homem o único cronista conhecido do homem, não dispomos de nenhum relato imparcial que nos possa ajudar a esclarecer o problema das origens. A História tem a forma dum relógio, e para libertar o pensamento das paredes do relógio é necessário libertar primeiro o homem da sua humanidade, e quem pode prever o futuro sem ter a certeza do passado? (*Um tempo. Outro tom.*) No princípio era a fome, isso sabemos nós. A fome, o frio, o monopólio dos violinos... Mas antes da fome? Por outras palavras, qual é a forma do universo? A circunferência, a espiral?... O regresso do homem à natureza será cíclico, ou definitivo, um degrau do verdadeiro tempo, o tempo sem relógio, o sangue do uni-

verso?... (*Um tempo. Outro tom.*) Seja como for, não podemos esperar pelas respostas. A tensão vai-se agravando de hora para hora, e em breve, já não será possível passear pelos campos, ou fazer festas na cabeça dum cão, ou compreender a linguagem das turbinas. É urgente fazer qualquer coisa, e desde já. Esperar, não, não pode ser. Sabe-se lá quantas semanas serão ainda necessárias para que se aprenda a interpretar o silêncio dos rochedos, o testemunho da neve e dos vulcões! Não, é impossível continuar a esperar, se não podemos prever, tentemos ao menos adivinhar. O importante é fazer alguma coisa. Tudo menos cruzar os braços e deixar o homem destruir-se no êxtase da sua humanidade. Deixemos a voz do nosso corpo subir até pertinho dos nossos ouvidos... No princípio era a fome, sabemos nós, mas o nosso corpo sabe mais, sabe o que tem de vir depois. O que era antes, não interessa. Em qualquer dos casos, teremos cumprido a vida e dobrado (quem sabe?) mais uma volta da espiral. Se, por outro lado, o universo for redondo, voltaremos ao princípio com a certeza de que esgotámos, pelo menos, o nosso ângulo da circunferência. A única solução é correr o risco. Se os recomeços forem eternos, passemos então a eternidade a recomeçar. Paciência. Não temos outro remédio.

*Silêncio. Obscuridade total. Um tempo.*



*Luz. Ao centro da cena, ao fundo, uma enorme caixa. Dum lado, uma mesa pequena, dois actores sentados à mesa, outro actor e uma actriz. Estão todos sentados em bancos toscos, espécies de mochos de cozinha. Do outro lado, dois outros actores e uma outra actriz. Os dois grupos, dum e doutro lado, estão dispostos formando, na continuação da caixa, uma semi-circunferência que abre para o público. Estão todos imobilizados, cada um numa pose diferente, como se fossem uma fotografia tirada de surpresa. Silêncio.*

*O Primeiro Actor recobra os movimentos. Endireita-se, um tempo, estica as costas para trás. Os outros permanecem immobilizados.*

O PRIMEIRO ACTOR

*(Recobrando as movimentos.)* Pois é, eu cá não tenho um violino.

*Os dois actores sentados à mesa recobram os movimentos. Estão a jogar as cartas. O Primeiro Actor fica imóvel, mas agora a sua imobilidade é natural, não tem nada de pose. Os outros permanecem immobilizados.*

O SEGUNDO ACTOR

*(Jogando uma carta.)* Uma dor de dentes às cinco da manhã.

O TERCEIRO ACTOR

*(Jogando uma carta.)* Uma dor de cabeça às três da tarde.

Recolhe a vaza. Ganhou a jogada.

O GIGANTE VERDE

O SEGUNDO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Comer uma maçã debaixo de chuva.

O TERCEIRO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Fechar os olhos no meio da tempestade.

O SEGUNDO ACTOR

Pronto. Ganhaste outra vez.

*O Terceiro Actor recolhe a vaza. Ficam imóveis.  
A Primeira Actriz recobra os movimentos.*

A PRIMEIRA ACTRIZ

(*Para O Primeiro Actor.*) Quando tiveres o teu violino, hei-de arranjar umas meias de lã para mim. Tenho sempre imenso frio nas pernas, no inverno.

O QUARTO ACTOR

(*Recobrando os movimentos.*) Eu também, eu também.

A SEGUNDA ACTRIZ

(*Recobrando os movimentos e estendendo um braço.*) Vai chover esta noite, queres apostar?

O PRIMEIRO ACTOR

(*Ainda na mesma posição.*) Vocês compreendem, a música, para mim, é como se fosse a continuação do meu corpo.



O GIGANTE VERDE

O QUARTO ACTOR

Também eu, também eu.

A SEGUNDA ACTRIZ

Foi sempre assim. Ontem como hoje, hoje como amanhã.  
(*Solene.*) As intempéries do clima. As perturbações da natureza. O homem no meio, a mulher ao lado do homem, e as quatro estações à volta, como se fossem quatro paredes.

A PRIMEIRA ACTRIZ

É verdade. As roupas, as casas, os guarda-chuvas, as economias, o gosto a pão a escorregar pela língua...

O SEGUNDO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Fumar um cigarro antes de adormecer.

O TERCEIRO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Abrir os olhos antes de acordar.

O SEGUNDO ACTOR

(*Recolhendo a vaza.*) Desta vez, ganhei eu.

## O GIGANTE VERDE

### A SEGUNDA ACTRIZ

(*Enfática.*) Uma balbúrdia! Nunca se sabe onde acaba a chuva e começa a nossa pele. Os cheiros multiplicam-se sem piedade, parece que o nosso nariz se estende cada vez mais longe de nós...

### O PRIMEIRO ACTOR

(*Sempre na mesma posição.*) É o que acontece comigo. As orelhas começam a esticar-se para muito longe, e se tapo as orelhas, abre-se-me um buraco nas costas, ou nos braços, e a música entra por mim adentro de qualquer maneira...

### O QUARTO ACTOR

Comigo também, comigo também.

### O SEGUNDO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Andar descalço pelas cearas.

### O TERCEIRO ACTOR

(*Jogando uma carta.*) Comer morangos enterrado na neve.

*Pousam as cartas em cima da mesa. Ficam imóveis.*

## O GIGANTE VERDE

### A PRIMEIRA ACTRIZ

Quando chegar o inverno, vai ser uma desgraça. Preciso dumas meias de lã, dê por onde der. As pernas ficam-me todas enregeladas e, depois, tenho que andar de cabeça para baixo.

### O QUARTO ACTOR

De cabeça para baixo, é isso mesmo.

### A SEGUNDA ACTRIZ

Tudo isso pertence ao passado. Agora não temos nada de que nos queixar. A fome acabou. Quem tiver sono, pode dormir à vontade. As árvores transpiram, é só estender o braço. Quem tiver medo do frio, pode trazer um sol portátil na algibeira. A terra tem milhões de lençóis para embrulhar o corpo dos que querem dormir. Acabaram-se as portas, as janelas, as gavetas, as assinaturas, as tabuletas à entrada das cidades...

### O QUARTO ACTOR

Há sempre um amigo à saída de casa, e estamos sempre de acordo.

### A SEGUNDA ACTRIZ

(Continuando.) Cumpriram-se os lamentos, as maldi-



## O GIGANTE VERDE

*a aterragem duma águia. Durante a sequência seguinte, evolui dentro do semi-círculo central e dirige-se, não ao público, mas aos actores sentados à sua volta.*

## O SEGUNDO ACTOR

*(Batendo os braços.)* Biháhááá! Biháhááá!... Mais pesado do que o ar, mais poderoso do que o ar, mais certo do que o ar. Biháhááá, biháhááá, biháháááá!... A velocidade está comigo, trago a velocidade na ponta do bico para cumprimentar o Temível Gigante Verde!

TODOS, MENOS O TERCEIRO E O QUINTO ACTORES

*(Batendo os braços.)* Biháhááá! Biháhááá!

## O SEGUNDO ACTOR

*(Sempre a bater os braços.)* As minhas patas conhecem o crânio de todas as montanhas. Vejo, lá em baixo, árvores, telhados, caminhos, riscos traçados a giz no peito da terra. O mundo é pequeno demais para as minhas asas abertas. Engulo o espaço para o transformar em penas, uma pena por cada oceano que atravessar. Penas e mais penas para cumprimentar, à minha passagem, o Temível Gigante Verde!

## OS MESMOS

*(Batendo os braços.)* Biháhááá! Biháhááá!...

## O GIGANTE VERDE

### O SEGUNDO ACTOR

*(Sempre a bater os braços.)* Os campos estendem-se por baixo do meu voo, com um sorriso de lagoa distraída. Nunca me sento à mesa para comer, a minha refeição é onde a minha fome decidir. Quando durmo, o dia amanhece devagarinho, com medo de que eu tenha morrido. A minha casa é no cimo das árvores, ou no meio dos rochedos, quando não é no colo duma nuvem. A altura é o meu modo de vida. O tamanho das coisas depende da minha vontade. Posso aumentar ou diminuir um planeta com um bater de asas. Ultrapasso as estrelas, atravesso o céu para desentorpecer as patas, sempre a saltitar de horizonte para horizonte. E depois, canto. Imito com a voz as quedas de água, para cumprimentar o Temível Gigante Verde!

### OS MESMOS

*(Batendo os braços.)* Biháhááá! Biháhááá!...

### O QUARTO ACTOR

*(Entusiasmado.)* Também eu, também eu. Eu também quero cumprimentar o Temível Gigante Verde!

*O Terceiro Actor avança até em frente de O Segundo Actor. Este pára de bater os braços e, simultâneamente, O Terceiro Actor começa a bater os dele. Dirige-se, não aos actores sentados à sua volta, mas ao público.*

O GIGANTE VERDE

O TERCEIRO ACTOR

(*Batendo os braços.*) Levantei-me, arrastei os pés pelo chão e os braços começaram a agitar-se, quase sem eu dar por isso.

O QUARTO ACTOR

(*Batendo os braços.*) Biháhááá! Biháhááá!...

O TERCEIRO ACTOR

(*Sempre a bater os braços.*) As estradas desapareciam, intermináveis, na minha frente. Quando chovia, eu tinha de ficar no mesmo sítio, a aparar a chuva com a trave dos meus ombros. Se queria correr, a tempestade tinha asas, corria mais depressa do que eu. Quando olhava para cima, tinha vertigens, tudo tão vazio, o céu parecia que ia engolir-me assim que desviasse a vista. Queria espremer uma estrela com a mão, deixar o sumo espirrar-me para os olhos, escorrer-me pela cara, besuntar-me a boca de sabor a amarelo, o amarelo que é o sangue da luz, o coração da liberdade.

TODOS, MENOS O TERCEIRO E O QUINTO ACTORES

(*Batendo os braços.*) Biháhááá! Biháhááá!...

O TERCEIRO ACTOR

(*Sem bater os braços, corpo inteiriçado.*) Biháhááá!



## O GIGANTE VERDE

*(Recomeça a bater os braços.)* Os braços começaram-se a agitar, e as coisas começaram a fazer-se mais pequenas, o corpo começou-me a inchar, era o princípio da viagem... A princípio, pensei que me tinha transformado num balão. Sentia-me leve, a cabeça trepava-me pelo ar acima, as pernas esticavam, esticavam, mais altas do que os postes telegráficos. Mas era preciso mais. Os meus passos ainda se enterravam na terra, quando andava, tinha primeiro de vencer a indiferença do espaço. Era preciso que a velocidade se fosse acendendo no eixo do meu corpo. Era preciso que o chão recuasse para longe dos meus pés. *(Jacto súbito.)* Queria voar!

### OS MESMOS

*(Batendo os braços.)* Biháhááá! Biháhááá!...

### O TERCEIRO ACTO

*(Sempre a bater os braços.)* O vento cai de joelhos na minha frente, implorando clemência. As cores misturam-se nos meus olhos disparados pelo azul fora. O universo é meu. Acabaram-se os sapatos, a caminho do nascer do sol. As árvores, lá em baixo, são miolas de papel. *(Nota súbita de triunfo.)* O Temível Gigante Verde acena com o lenço e diz-me adeus, num tom de camaradagem... O universo é meu. Os quilómetros encarquilham-se e esfarelam-se-me nos dedos, a luz pede-me licença para me ultrapassar, sirvo-me da lua quando preciso dum espelho para fazer a barba, o universo é meu, é mais pequeno que a impaciência das